

Jornal da Tarde

24/5/1985

Polícia em ação

Tropas de choque chegam a Ribeirão Preto. Impedem piquetes, mas não evitam incêndios. Uma usina perdeu nove mil toneladas de cana ontem.

Alastrou-se ontem por mais quatro cidades — São Carlos, Dobrada, São Joaquim da Barra e Guará — a greve dos cortadores de cana e de apanhadores de laranja, somando cerca de cem mil o número de bóias-frias parados em 14 cidades do Estado, segundo a Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo). Mas os usineiros contestam esses números, afirmando que há 12.862 trabalhadores rurais parados, referindo-se apenas aos bóias-frias contrariados diretamente pelas agroindústrias.

O policiamento foi reforçado na e região de Ribeirão Preto, com a chegada de tropas de choque enviadas da Capital, que se somam aos 2.600 PMs que já estavam patrulhando a greve dos bóias-frias, que hoje chega ao seu quinto dia.

Embora o comandante interino da PM na região, coronel Valdimir Cristiano, ao fazer um balanço do dia tenha dito que "foi pacífico do que esperava", houve alguns incidentes, com seis detenções e a ocorrência de um incêndio não-programado num canavial em Santa Rosa do Viterbo, que queimou entre oito e nove mil toneladas de cana fora do ponto de corte, segundo funcionários da Agroindustrial Amália. Para eles, a origem do incêndio é criminosa, pois o fogo começou em cinco pontos.

A Delegacia de Polícia de Serrana registrou até ontem oito queixas de incêndio em canaviais da Usina da Pedra, que conseguiu apagar o fogo com seus próprios carros-pipa. Segundo o tenente-coronel Sebastião Correa de Carvalho, comandante da PM na área, "foram atos criminosos e há indícios de que foram praticados por pessoas estranhas ao movimento grevista". Cerca de 300 toneladas, de acordo com o usineiro Pedro Biagi Neto, foram danificadas, mas ainda não se tem uma avaliação final dos prejuízos.

Os usineiros afirmam que, por enquanto, os fornecedores quase não fazem entrega de cana, esperando o plano de safra, a ser divulgado no próximo mês, com aumento de preço.

De acordo com os empresários, quatro usinas estão totalmente paradas — da Pedra e Martinópolis, de Serrana; N. Sa. Aparecida, de Pontal; e Santa Luísa, de Matão — enquanto outras oito estão funcionando apenas parcialmente.

O maior problema, dizem, é que os operários da área industrial não estão tendo o acesso permitido às usinas. Em consequência, acrescentam, desde quarta-feira deixaram de ser produzidos de 6,5 a sete milhões de litros de álcool anidro por dia, "o que corresponde à importação de 30 mil barris de petróleo/dia" (quase Cr\$ 5 bilhões, por dia).

Várias assembléias de cortadores de cana decidiram ontem pela continuidade da greve, o mesmo acontecendo com os apanhadores de laranja, enquanto em Altinópolis três mil colhedores de café resolveram voltar ao serviço (mil cortadores de cana continuam em greve no município), aceitando os mesmos termos do acordo feito no dia anterior em Batatais.

O clima de maior tensão foi registrado em Pitangueiras, município de 20 mil habitantes, a 50 quilômetros de Ribeirão Preto. A polícia acabou com os piquetes, nas saídas da cidade, o que gerou revolta entre os trabalhadores, dispostos a continuar o movimento. Metade dos cortadores de cana, segundo informações da PM, voltou ontem ao trabalho.

A advogada Olga Melzi, da Fetaesp, denunciou que policiais armados invadiram casas de trabalhadores, na periferia, "forçando-os a ir à roça". Dois bóias-frias, detidos, enquanto discutiam a paralisação em um bar foram liberados à tarde, com a intervenção do deputado Waldir Trigo (PMDB).

Os dirigentes sindicais trocaram muitas acusações com o capitão Milton Pink, comandante do 13º Batalhão da PM em Bebedouro, que está sediado no destacamento de Pitangueiras.

"Ele está confundindo arbitrariamente o direito ao trabalho com a obrigação de ir trabalhar", disseram os dirigentes da Federação dos Trabalhadores, acusando-o de "ressuscitar as práticas da velha República". Pink, de seu lado, garantiu ter recebido ordens superiores para agir com rigor. E exibiu um manual de sete folhas, elaborado por ele próprio, onde se diz basear para orientação de seus soldados na ação contra os piquetes.

Em Bebedouro, onde os seis mil apanhadores de laranja estão em greve desde segunda-feira, a animosidade entre os piqueteiros e 200 soldados da tropa de choque da PM de São Paulo assustou os 70 mil habitantes da cidade. Houve um princípio de tumulto, mas a situação se acalmou por volta das 11 horas, quando um helicóptero da Polícia Militar sobrevoava a cidade. Também não foram permitidos piquetes na rodovia Armando de Salles Oliveira e o delegado Lucius Miziara liberou, na madrugada, cinco pessoas detidas, sob o pagamento de fiança.

Os empreiteiros de Barrinha, a 40 quilômetros de Ribeirão Preto, ocuparam as principais ruas do centro da cidade de 13 mil habitantes — que se eleva para 19 mil durante a safra da cana — e exigiram, sem êxito, providências da polícia para transportar os bóias-frias para as usinas da região. Cerca de 1.500 dos 12 mil em greve decidiram prosseguir com o movimento, durante assembléia realizada pela manhã, no estádio municipal.

Em Pontal, onde todos os dez mil bóias-frias continuam parados, os piquetes resolveram liberar a passagem de 300 funcionários dos escritórios das três usinas locais, que haviam entrado com recurso na Justiça para assegurar esse direito. A chegada de uma tropa de choque da cavalaria chegou a causar um princípio de pânico, mas nenhum incidente foi registrado.

Em Sertãozinho, onde está instalado o QG da greve no ginásio de esportes, a paralisação atinge todos os 15 mil cortadores de cana, segundo a Fetaesp, e ontem menos de 100 dos 500 caminhões de cana que diariamente chegam à Usina Santa Elisa, a maior da cidade de 70 mil habitantes, conseguiram passar.

O confronto entre a política e bóias-frias em greve esteve perto de acontecer em Serrana, que viveu horas de tensão desde a madrugada. Havia quase 150 policiais, incluindo tropas de choque, pelotão de cavalaria e canil, na cidade e nos pontos de piquete com a determinação de cumprir a ordem judicial que garante a livre passagem dos trabalhadores que querem trabalhar e dos caminhões carregados de cana. O principal bloqueio dos grevistas, na entrada da Usina da Pedra, contava com mais de 300 piqueteiros, número bem superior aos dos dias anteriores. Por volta de 6h30, dez caminhões carregados de cana haviam sido interceptados, mas acabaram sendo liberados com a chegada da polícia, que dialogou com os grevistas sobre a ordem judicial.

A decisão de liberar a passagem já não foi tão calma, quando chegaram quatro ônibus transportando operários da área industrial e dois caminhões com cortadores de cana. A polícia teve de intervir e houve um princípio de violência. Alguns grevistas se deitaram sobre a pista da estrada. Um policial chegou a sugerir que o caminhão do pelotão de choque passasse por cima. Houve empurra-empurra da polícia a um grupo que se postava no acostamento.

Os bóias-frias acabaram permitindo a passagem, mas alguns jogaram pedras contra os ônibus, do que resultou a detenção de João Amaro e Wagner Salviano Martins, liberados à tarde, além de dois menores, encaminhados ao juizado. A cavalaria correu para canaviais próximos, onde havia ameaça de os bóias-frias atearem fogo. Um dos soldados caiu do cavalo, cena que os grevistas aplaudiram.

Os bóias-frias ainda não foram informados sobre as conquistas que Já obtiveram e sua greve está sendo explorada por determinados grupos, com fins eleitoreiros. A afirmação foi feita ontem, em Ribeirão Preto, pelo deputado João Cunha (PMDB-SP).

(Página 11)